



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O ENSINO DA GEOGRAFIA POR MEIO DA CATEGORIA PAISAGEM

Aline de Sousa Oliveira
(UESB)

Geísa Flores Mendes
(UESB)

..

Nerêida M^a Santos Mafrá Benedictis
(UESB)

RESUMO

O ensino de geografia faz o estudo da organização social, espacial, econômica, política, histórica e cultural das sociedades, assim é na unidade escolar onde as matrizes da compreensão sobre a estrutura do modo de vida são apresentadas para o entendimento do contexto ideológico estabelecido pelo capitalismo. Assim, como ciência que estuda as relações sociais estabelecidas no espaço geográfico requer do professor uma opção teórico-metodológica que vise direcionar os alunos para o desenvolvimento da capacidade de ler o espaço e observar as diversas paisagens que formam o meio social. Todavia, a paisagem é um conceito-chave da geografia para analisar o espaço geográfico e as configurações sócio-espaciais decorrentes das práticas sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia. Metodologia. Paisagem.

INTRODUÇÃO

Com o processo de globalização o ensino-aprendizagem da geografia requer uma educação que prepare sujeitos críticos e reflexivos para o exercício da

..Especialista em Análise do Espaço Geográfico – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Membro do Grupo de Pesquisa: Espaço, Memória e Representações Sociais. E-mail: linegeografia@yahoo.com.br.

..Prof^a Dr^a do Departamento de Geografia - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Membro do Grupo de Pesquisa: Espaço, Memória e Representações Sociais. E-mail: geisauesb@yahoo.com.br.

...Prof^a MSc do Departamento de Geografia - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Membro do Grupo de Pesquisa: Espaço, Memória e Representações Sociais. E-mail: nereidamafrabenedictis@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

cidadania. Assim, a geografia “aparece como possibilidade de pensar o mundo real e a sociedade num mundo fragmentado, apesar de global” (CARLOS, 2003, p. 08).

A sociedade mundial é impulsionada pela ideologia capitalista, mas cada região ou lugar tem suas características histórico-sociais diversificadas uma das outras. Assim, com o objetivo de estudar a relação entre a sociedade e a natureza, para compreender a organização e a dinâmica espacial, a geografia utiliza de conceitos-chaves como paisagem, região, espaço, lugar e território, inter-relacionando com as dimensões de análise no âmbito cultural, econômico, político e social.

Todavia, a pesquisa sobre o ensino de geografia por meio da categoria paisagem, foi em relevância às pesquisas de campo na inter-relação do Ensino de Geografia e a Educação Ambiental nas escolas municipais de Vitória da Conquista, uma vez que nas atividades propostas aos sujeitos da pesquisa a categoria paisagem foi representada em referência ao local onde os alunos residem e estudam. Assim, é pertinente os estudos de base teórica e prática sobre essa categoria na perspectiva de discussões acerca do processo metodológico do ensino de geografia nas unidades escolares.

A Geografia ao tratar de assuntos histórico-culturais, fatores geológico-geográficos ou naturais também relata o contexto histórico e científico, uma vez, que tem “[...] a tarefa de entender o espaço geográfico num contexto bastante complexo”. (CAVALCANTI, 1998, p. 16). Isso quer dizer que é preciso intercalar ao processo histórico com o avanço tecnológico dando ênfase à mecanização, a padronização, a globalização e a circulação tanto de idéias como de mercadorias, pois, a ideologia dominante no mundo contemporâneo é a do capitalismo e do industrialismo, subsidiados pelo neoliberalismo que desencadeia, dentre outras coisas, o distanciamento do homem diante da natureza e o controle do tempo ligado ao processo produtivo.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Essa realidade, ao ser direcionada para o ensino de geografia requer do professor o que é concebido, percebido e vivido pelo aluno, utilizando metodologicamente as “representações sociais”, assim Cavalcanti,

[...] vincula representações sociais ao plano do conceito (as concepções) e ao plano das percepções (imagens e valores). Ou seja, é importante entender representações nessa interface entre concebido e vivido. Conceito e imagem apresentam-se aí como duas faces intercambiáveis, a face figurativa (a imagem) e face simbólica (o conceito). Nesse sentido, é importante assinalar que representações sociais não são só conceitos, são também imagens. E o indivíduo tem necessidade de entender o mundo para além de uma lógica conceitual preestabelecida. (CAVALCANTI, 1998, p. 30).

A autora, quando cita que “Nesse sentido, é importante assinalar que representações sociais não são só conceitos, são também imagens”, está se referindo aquilo que é visto ou observado no espaço geográfico, então, pode-se concluir que o objeto das representações do espaço concebido, vivido e percebido dos alunos são as representações das práticas sociais, onde as imagens são estruturadas pelo que é simbólico e real, no processo de observação e análise crítica.

No ensino de geografia as representações sociais é a imagem do que é representado e serve como um instrumento didático para o diagnóstico do conhecimento prévio dos alunos para a formulação do conhecimento geográfico e científico mediante as problemáticas socioespaciais, pois os alunos constroem as representações sociais do espaço, por meio do que utilizam, praticam e percebem de forma empírica e subjetiva. Essa didática, por exemplo, é viável quando o professor pede para desenhar o mapa com o trajeto da casa para a escola, ou o bairro onde vivem. Os alunos desenham aquilo que para eles subjetivamente possui significado ou correspondem aos problemas do lugar onde residem.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

É notório, que por esse viés a geografia se concretiza como um ensino voltado para descrever e compreender a espacialidade que o aluno vivencia em seu ambiente, de modo que tenha a consciência que é um sujeito social e parte integrante da realidade planetária. Dessa forma, por meio do trabalho, da organização espacial e social, por intermédio de ações, ele, educando = sujeito, contribui para a formação e organização das sociedades. No entanto, a geografia também trata de problemas globais, sociais e dos fenômenos que afetam o mundo. Deste modo Cavalcanti faz as seguintes considerações:

Admitindo-se que o objetivo do ensino de Geografia é o de desenvolver o pensamento autônomo a partir da internalização do raciocínio geográfico, tem-se considerado importante organizar os conteúdos de ensino com base em conceitos básicos e relevantes, necessários à apreensão do espaço geográfico. A ideia é a de encaminhar o trabalho com os conteúdos geográficos e com a construção de conhecimentos para que os cidadãos desenvolvam um modo de pensar e agir considerando a espacialidade das coisas, nas coisas, nos fenômenos que eles vivenciam mais diretamente ou que eles vivenciam enquanto humanidade. (2002, p. 35).

Nesse contexto, o estudo baseia-se nas categorias geográficas - região, lugar, espaço, território e paisagem. Dessa forma o aluno precisa adquirir o conhecimento dessas categorias de estudo, compreender as relações sociopolíticas, culturais e ambientais da sociedade e se sentir parte integrante da organização do espaço geográfico. Assim, Vesentini (1992), ressalta que a aprendizagem, na perspectiva da Geografia Crítica, não pode ser centrada na figura do professor ou na ciência geográfica, e sim no ambiente onde o aluno e o professor estão inseridos, com o objetivo do aluno descobrir que pode ser sujeito no processo histórico. Zanatta (2003) entende essa metodologia como uma ação humanista que faz do ensino um processo pedagógico não obrigatório, mas mediado pela teoria e a prática do professor.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A partir, da relação de teoria/práxis, o estudo de cada categoria da geografia na construção e (re) construção do espaço geográfico, materializa-se nas ações do homem. Castelar (2000) afirmar que a aprendizagem ocorre quando são criadas condições para a criança ler o espaço geográfico que é vivido por ela. Neste propósito, é importante fazer uma leitura desse espaço, observar, descrever, registrar e principalmente analisar.

Como ciência da sociedade e da natureza a Geografia em seu ensino requer do aluno uma opção teórico-metodológica que vise direcionar os alunos para o desenvolvimento da capacidade de ler o espaço e observar as diversas paisagens que formam o meio social. Para Santos (1997, p. 26), “O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento”.

No modelo de sociedade capitalista vigente, o meio urbano é uma construção dos ideais humanos, onde restam os vestígios de natureza primitiva, por outro lado, o processo técnico-científico, a evolução moderna em todos os setores sociais fez com os seres humanos criassem uma natureza hostil, que convive numa situação-limite, isso porque “o espaço habitado se tornou um meio geográfico completamente diverso do que fora na aurora dos tempos históricos”. (SANTOS, 1997, p. 44). Isso ocorre, porque segundo o autor conforme o ser humano especula o solo, agrega valor, utiliza o saber científico e as invenções tecnológicas, ocorre um distanciamento das relações com a natureza, e os resultados são os problemas ambientais e sociais que estão sendo presenciados pela humanidade.

Em relação ao estudo da paisagem alguns sinônimos a designavam como uma região natural, uma paisagem cultural ao longo do período histórico. No século XVI a paisagem era considerada uma fração do território ou de um lugar com características físicas, humanas e econômicas.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Por outro, lado entre os séculos XVII e XVIII a paisagem assume o valor estético e de percepção, através da pintura e das artes com a simbologia da imagem refletida, contemplada ou sentida. Portanto, as ideias eram em torno de uma paisagem que só se transformaria com as funções atribuídas ao contexto histórico-social. Nessa perspectiva, o olhar e a localização do sujeito revelam diversas percepções em relação à paisagem. Sendo assim, essa forma de abordagem cognitiva, também é desenvolvida pela capacidade de perceber, sentir, escutar ou tocar.

Na Antiguidade, o estudo dos filósofos – matemáticos sobre a paisagem era visível na representação da superfície da Terra ao definir seus detalhes e movimento. Por outro lado, Humboldt e Ritler com a observação do espaço, pelo olhar, fizeram estudos para explicar a dinâmica da Terra.

A geografia, assim descrevia os aspectos físicos ou naturais, sentidos e percebidos pelo olhar, para revelar as diversas paisagens presentes no espaço geográfico. Portanto, utilizava-se do método positivista com a objetivação analítica das interferências subjetivas provocadas pelo olhar.

Entre esses filósofos, destacam-se Ratzel, pois para ele compreender a dinâmica da natureza era preciso entender a dinâmica humana, uma vez, que o homem é um elemento da natureza. La Blache (1985), por sua vez, vai se referir a Terra como um organismo vivo, que por meio da interferência humana, sua dinâmica pode ser compreendida, pelo olhar de descrição, comparação e sintetização.

Na Geografia Teorético – Quantitativa o conceito chave da geografia passa a ser o espaço, pois a paisagem não poderia ser analisada em números. Com o passar da evolução da ciência geográfica no século XX, a Geografia Crítica retoma as discussões sobre a categoria paisagem como a materialidade da realidade.

Para Santos (1997), a Geografia Crítica, pela visão dialética, discorda desse olhar perceptível dos filósofos positivistas. Sobre a percepção, o autor entende



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

como “um processo seletivo de apreensão da realidade. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; dessa forma, a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada” (p. 62). No entanto, o autor, não discorda da importância da percepção, mas a vê como uma primeira descrição da paisagem pelo olhar. A proposta é a leitura do espaço pela dialética, na inter-relação do homem/natureza, com a ação da técnica e do trabalho que compreendem a dinâmica da produção sócio-espacial.

Paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos e substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos. (SANTOS, 1997, p.66).

Nesta perspectiva, no processo de crescimento das sociedades a paisagem foi moldada, em conformidade com as contradições sociais, econômicas e culturais impostas pelo sistema capitalista. Contudo, em Santos (1997) ocorre a transformação da primeira natureza (intocável) em segunda natureza (transformada) pelo trabalho do homem, ao promover a organização e a configuração dos espaços sociais no meio urbano.

A paisagem é “tudo aquilo que [...] nossa visão alcança [...]” (SANTOS, 1997, p. 61), “[...] é a materialização de um instante da sociedade” (SANTOS, 1997, p. 72), inserida por elementos materiais e não-materiais, mediada pela produção humana que é percussora da produção do espaço, moldando uma paisagem heterogênea de formas naturais e artificiais. Diante disso, Santos ainda reflete que,

A relação do homem com a natureza é progressiva, dinâmica, podemos dizer que é reciprocamente progressiva. A natureza vai registrando, incorporando a ação do homem, dele adquirindo diferentes feições, que correspondem às feições do respectivo momento histórico. (SANTOS, 1997, p. 88 - 89).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Santos (1997) afirmou várias ideias a respeito da paisagem, pois segundo ele essa paisagem moldada pelo homem ativo na sociedade durante o período histórico é suscetível a constantes transformações, que dependem de interesses políticos e econômicos, instigados no espaço geográfico em determinado local, assim cada profissional (arquitetos, engenheiros, artistas, etc.) ou cidadãos comuns enxergam as paisagens e dão um valor para o que veem e percebem de modo diferente, pois “[...] com a produção humana há a produção do espaço” (p. 64) e essa produção inserida no espaço produz novas paisagens: “Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos” (p. 66). Em Callai (2000), a materialização do espaço citada por Santos (1997) ocorre por meio das práticas sociais que modificam o espaço social e natural.

Entretanto, em Santos (1997) e Callai (2000), a definição de paisagem não se limite apenas à sua materialidade, outras dimensões a nível cultural e de organização do espaço, também podem fazer parte do olhar sobre a categoria paisagem. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 112), a paisagem é definida como:

[...] Uma unidade visível, que possui uma identidade visual, caracterizada por fatores de ordem social, cultural e natural, contendo espaços e tempos distintos; o passado e o presente. [...] Assim, por exemplo, quando se fala da paisagem de uma cidade, dela fazem parte seu relevo, a orientação dos rios e córregos da região, sobre os quais se implantaram suas vias expressas, o conjunto de construções humanas, a distribuição da população que nela vive, o registro das tensões, sucessos e fracassos da história dos indivíduos e grupos que nela se encontram.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, conforme a citação acima trata da organização do espaço geográfico, ao revelar que a categoria paisagem não é estática, está em constante transformação, é visível e material, ao mostrar os



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

problemas ou conflitos socioambientais e históricos nas sociedades em crescimento,

[...] O ensino de geografia no século XXI, portanto, deve ensinar – ou melhor, deixar o aluno descobrir – o mundo em que vivemos, com especial atenção para a globalização e as escalas local e nacional, deve focar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza [...], deve realizar constantemente estudos do meio [...] e deve levar os educandos a interpretar textos, fotos, mapas, paisagens. (VESENTINI, 1995, p. 15-16 apud CAVALCANTI, 1998, p. 23).

Para Straforini (2001) tanto a educação em sua totalidade como o ensino de geografia é preciso esclarecer as contradições que existem no espaço e na sociedade. Portanto, promover saberes geográficos significa propiciar o conhecimento da organização do espaço geográfico, entender as ações humanas no ambiente natural e social com a valorização da cultura, a preservação da natureza e a formação de pensamento crítico ao identificar no espaço as suas relações, os problemas, as contradições e as possíveis soluções.

CONCLUSÕES

De um modo geral, pode-se dizer que a finalidade do ensino de Geografia não seria outra senão a de formar nos alunos raciocínios, ideias e concepções a respeito do espaço de maneira articulada e crítica, abrangendo o meio vivido, porém, numa visão global.

Acredita-se que a Geografia na atualidade, com o estudo das categorias, mantém o comprometimento de proporcionar em uma abordagem ampla o conhecimento a partir do espaço vivido pelos alunos até espaços mais distantes, contextualizando as redes de comunicação, circulação que a globalização emerge sobre os espaços em múltiplas relações e a formação de conhecimento crítico para



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

que os alunos tenham opinião sobre as questões sócio-ambientais, políticas e econômicas.

REFERÊNCIAS

- CASTELLAR, S.M.V. **A alfabetização em geografia**. Espaços da Escola, Ijuí, v. 10, n. 37, p. 29-46, jul./set. 2000.
- BRASIL**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Fundamental (SEF). Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia. v. 5. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001. p. 112.
- CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A Geografia na sala de aula**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção: Repensando o Ensino).
- CAVALCANTI, Lana Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 10ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho pedagógico).
- _____. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- LA BLACHE, P. V. As características próprias da geografia. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas geográficas**. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1985.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3. edição. São Paulo: Hucitec, 1997.
- STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia nas séries iniciais: O desafio da totalidade mundo**. Dissertação de mestrado Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Geociências - Unicamp, 2001, São Paulo [s.n].
- VESENTINI, José William. **Para uma Geografia Crítica na Escola**. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- ZANATTA, Beatriz Aparecida. **Geografia Escolar Brasileira: avaliação crítica das atuais orientações metodológicas para conteúdos e métodos de ensino de Geografia**. (Texto adaptado da Tese de doutorado em Educação Brasileira). Marília – São Paulo, 2003.